

O desafio de ser popular na área social

Roberto Naves
Da Meridional

À espera de um leito no hospital, o lavrador Anísio Moreira dos Santos, 54 anos, deita-se no banco do corredor. Soro no braço, ele se recupera de uma crise renal. Medicado, precisa ficar em observação pelo menos durante um dia. Por isso, aguarda uma vaga.

“Do que prometeu para saúde o presidente está mal. A gente pensa que vai ser uma coisa, mas é outra”, reclama ele, um dos 34.377.198 eleitores de Fernando Henrique, candidato que elegeu a saúde como uma das cinco prioridades da campanha.

Com a perna quebrada, Ivanir de Oliveira, vizinho no banco hospitalar de Anísio, completa: “Se a gente adivinhasse, não ia errar.”

Sofrimento — Mesmo assim, Anísio, morador de Brasilinha (GO), cidade do entorno do Distrito Federal, nega ter se arrependido do voto.

O sofrimento de Anísio no corredor Hospital Regional de Sobradinho (HRS) é até pequeno se comparado com o as mortes sem atendimento que se vê nas filas de vários hospitais do sistema de saúde pública do País.

São histórias como estas que impedem o governo de ter sucesso e ser popular na área social.

Os hospitais públicos não conseguem atender a todos os pacientes. Só o governo federal paga 14 milhões de internações por ano.

Como evitar essas tragédias? O **Correio Braziliense** mostra, hoje, em sua terceira reportagem da série *Os cinco dedos*, contando a história de Anísio e outros pacientes que lotam os hospitais públicos, como está esse ponto considerado prioritário por FHC.

“Ao invés de se pensar simplesmente na cura, deve-se atuar na promoção da saúde e na prevenção da doença”, prega o guia eleitoral de Fernando Henrique Cardoso, *Mãos à Obra, Brasil*.

Equilíbrio — Entretanto, o máximo que o Ministério da Saúde já conseguiu fazer foi equilibrar os gastos em prevenção e os de internação hospitalar.

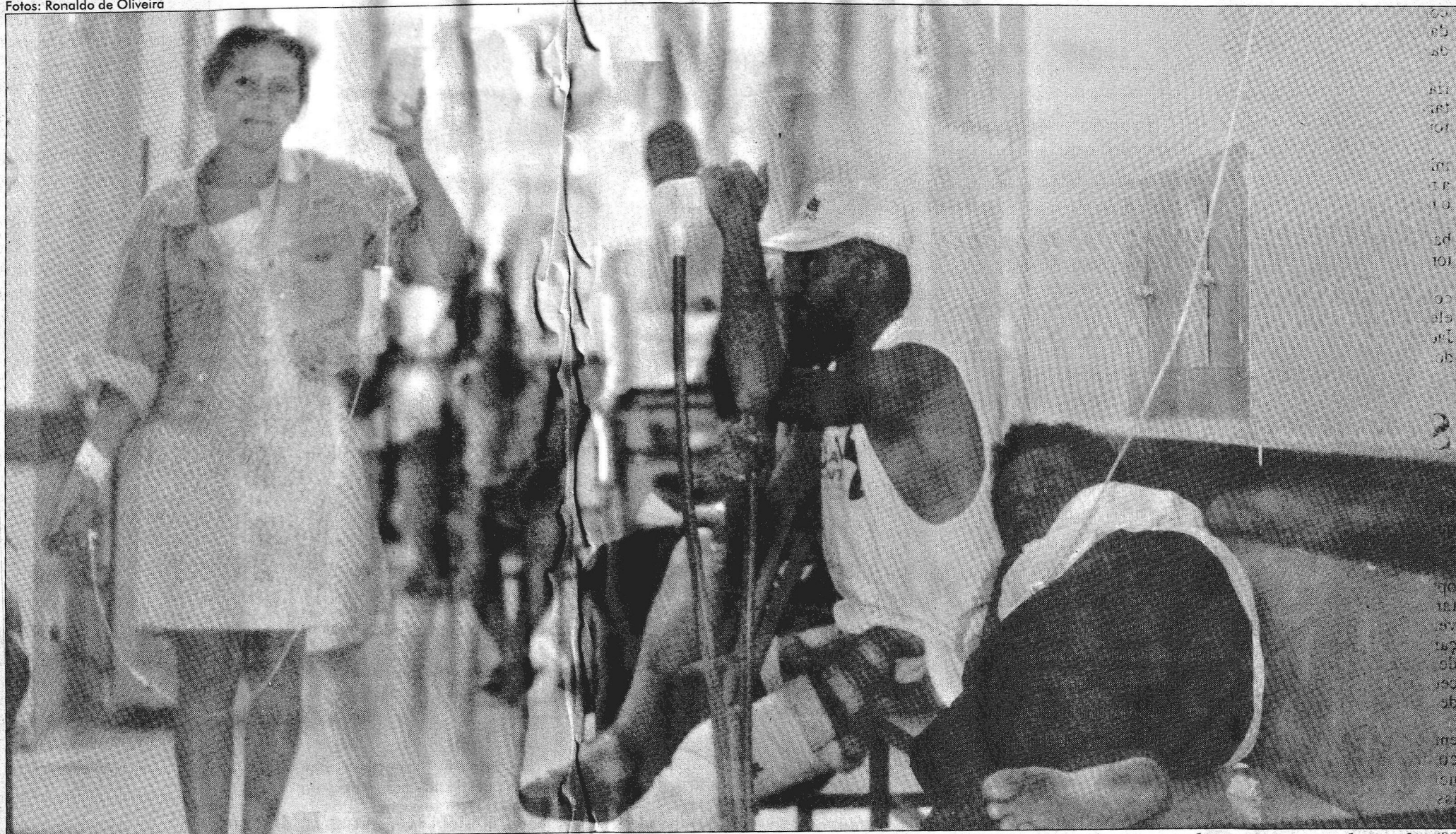
“Isso tem permanecido mais ou menos meio a meio”, informa o coordenador de Controle e Avaliação do Sistema Único de Saúde, Édson Keyji Yamamoto.

Descontados os R\$ 4,2 bilhões gastos com pessoal e dívidas, dos R\$ 13,9 bilhões investidos em saúde pelo governo no ano passado, mais da metade do que sobra vai para internação hospitalar ou cobertura de ambulatorios.

Mas, Édson, guardião dos números do da Saúde, considera que esses R\$ 6 bilhões também ajudam na prevenção.

“Tratar de alguém com pneumonia também é uma forma de combater a doença”, alega o assessor do ministro da Saúde, Adib Jatene.

Fotos: Ronaldo de Oliveira



Os R\$ 20 bilhões investidos em saúde em 95 não evitaram que Anísio dos Santos (deitado) espere um leito, enquanto Ivanir de Oliveira (de boné), no mesmo banco, se recupera de uma fratura